

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1835

A república em Espanha

Tudo claramente o indica. O Director não pode durar muito. A república dentro de pouco tempo será na Espanha um facto.

Dírio os leitores: que nos importa a nós mais uma república, menos uma república. Pelo que afinal a república em Portugal nos tem trazido de regalias, valerá a pena que se proclame para lá da fronteira?

Pois apesar disso, a proclamação duma república que derrubasse o Prímo de Rivera seria um incontestável progresso sob o ponto de vista social. A república que hoje se proclamasse em Espanha teria necessariamente uma base federalista.

Nem outra espécie de república é possível num país de raças tan-

versas como é aquele. Ora a república federalista implica não só a

autonomia regional como a descentralização dos serviços públicos e segundo o programa de federalismo espanhol, o uso pelos sindicatos operários das fábricas e do solo que progressivamente se fosse expropriando.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques da Costa se encontre envolvido no caso da bomba do Hotel Francfort.

Os criados do referido hotel, que ao go-

verno civil foram chamados a fim de figura-

rem como testemunhas no processo, não

reconheceram em Marques da Costa o autor do atentado.

Também o dono do hotel—a

despeito dos esforços que o sr. Barbosa

Viana empregou em contrário—não recon-

heceu o acusado.

Ora que se conserva preso, pois, um in-

dividual contra quem não milita um único

elemento acusador?

E' a vontade omnipotente do sr. Barbosa

Viana que Rodolfo Marques

MARCO POSTAL

Portugal - J. F. C. - Diário e suplemento ficam pagos ate 31 de Dezembro.
S. M. M. - Diário e suplemento ficam pagos ate 30 de Setembro.
Santiago do Cacém - F. A. C. - Diário e suplemento pagos ate 31 de Outubro.
Fuseta - Agente - Tornam enviaos 20 suplementos e 150 diários.
M. M. M. - Mendoza - Ficou pago ate 31 de Dezembro assim liquidado o engano.
Tentá - Agente - Recebida liquidação.
M. M. B. - Agente - A. M. P. - É tam impõe que fazem as exceções como pedirem os que fazem. Essas escolas ressoam aqui igual tratamento dos outros correspondentes, todos sugeridos no mesmo critério: interesse geral, concisa e oportunidade.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE NOVEMBRO

T.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,19
Q.	6	13	20	27	Desaparece às 17,24
S.	7	14	21	28	
S.	8	15	22	29	FASES DA LUA
D.	9	16	23	30	Q. C. dia 3 de 22,18
S.	10	17	24		L. C. dia 11 de 12,31
					Q. M. dia 19 de 17,38
					L. N. dia 26 de 17,36

MARES DE HOJE

Prainam às 4,51 e às 5,08

Baixam às 10,21 e às 10,38

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 90 dias de vista	101,500	101,500
Londres cheque	101,500	101,500
Paris	1,216	1,218
Suíça	42,25	42,25
Bélgica	1,206	1,206
Itália	2,05	2,07
Holanda	8,84	8,85
Madrid	2,208	2,208
New-York	22,510	22,510
Brasil	2,205	2,205
Noruega	5,800	5,808
Suecia	38,80	38,84
Dinamarca	605	607
Praga	8,80	8,840
Buenos Aires	5,30	5,30
Viena (1000 coroas)	5,30	5,30
Rentmarks ouro	2,205	2,205
Agio do ouro %	2,205	2,205
Liras ouro	112,000	112,000

ESPECTACULOS

THEATROS
S. Carlos - A's 21,30 - A. Rajadas.
Nacional - A's 21 - O. Regentes.
São Luís - A's 21 - La Goya e T. S. F.
Trindade - A's 21,15 - A. Casa das 3 Meninas.
Panteão - A's 21 - E. preciso viver.
Ercília - A's 21,15 - O Pão do Bispo.
Ercília - A's 21,15 - Una Causa Celebre.
Ercília - A's 21,15 - O Bôlo Reis.
Maria Vitoria - A's 20,30 e 22,30 - Rés-Vés.
Coliseu dos Recreios - A's 21 - Companhia de círco.
Teatro - A's 20,30 - Variades.
Gil Vicente (A Graca) - Não há expectáculo.
Ercília - Parque - Tôdias as noites - Concertos e di-
versões.

CINEMAS

Olimpia - Chiado Terrasse - Salão Central - Cinema
Condes - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Pro-
mota de Educação Popular - Cine Páris - Cine Es-
perança - Chanteler.

MÁS POSTAIS

Pelo paquete *Portugal* da Companhia Nacional de Navegação, são hoje expedidas malas postais para a África, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Congo, Angola e por via Funchal para a África Austral e África Oriental.

Estação Central dos Correios as últimas tiragens de correspondência regularmente efectuadas às 24h. e das ordens de serviço, que se realizam em 31 de outubro do ano próximo futuro, para o pagamento voluntário dos impostos camarários referentes ao ano de 1925. Fendo este prazo, serão os referidos impostos acrescidos de juros de mora.

IMPOSTOS CAMÁRIOS

A Câmara Municipal de Lisboa publicou afir-
mado anuncianto a abertura do cofre principal em 2 de outubro, e que se realizaria em 31 de outubro do ano próximo futuro, para o pagamento voluntário dos impostos camarários referentes ao ano de 1925. Fendo este prazo, serão os referidos impostos acrescidos de juros de mora.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Model Alvar, assim como rodas de molas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (E a casa que fornece em melhores con-
dições).

AOS MARCENEIROS

Por motivo de balanço
Guarnição 2 filetes e gaveta
freijó a \$70

Guarnição grado a \$95

..... 5000 a \$90

2 filetes e gaveta
pinho a \$60

Cedro serrado em 20-25-55 mm a \$60

Freijó, 20-25-55 mm a 1,6000\$00

Lixa papel, dízia a \$300

Fundos para cedáreas 10% de desconto

Ferragens para moveis, idem

Campo dos Mártires da Pátria, 68

- J. FERREIRA

— Amael, quando desviando-se violentamente, o seu ca-
valo se desbocou tão rápido, que só depois de grandes
esforços é que o jovem bretão conseguiu sofrer a ca-
valgadura, vendo-se muito longe dos caçadores. Procu-
rando então divisar por entre o nevoeiro, que cada vez
se cerrava mais, viu-se sósíno em uma comprida ala-
meda da qual não lhe era possível distinguir a saída.
Escutou, esperando ouvir ao longo o ruído da caçada,
que o teria guiado para se reunir aos caçadores; mas
o mais profundo silêncio reinava neste sítio da floresta,
da qual Vortigern ignorava os caminhos. Contudo, no
fim de alguns instantes, o passo rápido de dois ca-
valos, galopando atrás dele, foi ouvido de Vortigern; em
seguida, um grito, parecendo mais de cólera do que de
susto, se sucedeu, e bem depressa o mancebo avistou
por entre o nevoeiro uma forma vaga; esta tornou-se
cada vez mais distinta, e a loira Tetralda, filha do im-
perador dos frances, apareceu aos olhos do jovem bretão.
Tetralda, trajando um comprido vestido de pano azul safira,
debruado de arminho branco como o pêlo do seu ca-
valo. Tetralda escondia parte das suas louras tranças
debaixo dum pequeno chapéu também de arminho; um
cinto de sêda tira, de cōres brilhantes, e do qual as
compridas pontas flutuavam ao grado do vento, lhe
apertava a delicada cintura.

O ingénuo e encantador rôsto da filha do impera-
dor, animado pelo ardor da carreira, brilhava com um
vivo encarnado: cárando cada vez mais ao aspecto de

Vortigern, abaixou os seus grandes olhos azuis, en-
quanto as sacudidas ondulações do seu seio de quinze

anos lhe levantavam o apertado corpete do vestido. A

perturbação de Vortigern era igual à perturbação de

Tetralda; como ela, estava mudo e cheio de confusão;

assim como ela, tinha os olhos baixos, e como ela, fi-
nalmente, sentiu o coração bater-lhe com violência. A

silenciosa confusão dos dois jovens foi interrompida por

Tetralda. Com voz timida e pouco firme, disse ao jo-
vem bretão sem atrever a encará-lo:

— Julgava que não me seria possível alcançar-te, o

teu cavalo levava tão grande distância ao meu...

— Pois ri, quando assim nos vêmos!

— Tu és de poucas palavras...

— Não tenho culpa disso. Não sei o que hei de di-
zer...

— Nem eu também; e entretanto morro por te fa-
jar... Como te chamas?

— Oh!... eu reparo nisso... e minha irmã Hil-
druda também, acrescentou Tetralda enrugando os seus

lindos sobr'olhos; então corremos ambas atrás de ti,

com medo de que tu, ignorando os trilhos da floresta,

não te perdesse, apressou-se a dizer Tetralda.

— Por isso me pareceu ouvir o galope de dois ca-
valos... e em seguida um grito.

— Minha irmã queria passar adiante; mas eu as-
sentei na cabeça do cavalo em que ela montava uma

famosa vergastada. Então, assustado, o corsel tomou

por uma das ruas laterais, levando consigo Hildruda;

não podendo sofreá-lo, ela soltou um grito de cólera.

— Mas corre perigo, talvez?

— Não, não; minha irmã é capaz de sofrer o ca-
valo. Unicamente, como o nevoeiro é grande, não lhe

será possível vir ter connosco e folgarei muito com

isso.

Vortigern estava num suplício; mas entretanto um

sentimento infeliz se misturava com as suas angustias.

Os dois jovens permaneceram de novo silenciosos; a

filha do imperador dos frances foi a primeira que rom-
peu outra vez o silêncio, dizendo ao jovem bretão:

— Tu não falas... Ficaste, porventura, pesaroso de

eu vir ter contigo?

— Não, oh! não!...

— Talvez me julgues maldosa por ter batido no ca-
valo em que montava minha irmã? mas, que queres?

— Quando eu a vi fazer esforços para me passar adiante,

não fui senhora de mim.

— Espero que não terá sucedido nenhum mal a sua

irmã.

— Também eu assim o espero.

Tetralda e Vortigern permaneceram ainda mudos

alguns momentos. A jovem continuou um tanto des-
peitada:

— Tu és de poucas palavras...

— Não tenho culpa disso. Não sei o que hei de di-
zer...

— Nem eu também; e entretanto morro por te fa-
jar...

— Pois ri, quando assim nos vêmos!

— Tu és de poucas palavras...

— Não tenho culpa disso. Não sei o que hei de di-
zer...

— Nem eu também; e entretanto morro por te fa-
jar...

— Pois ri, quando assim nos vêmos!

— Tu és de poucas palavras...

— Não tenho culpa disso. Não sei o que hei de di-
zer...

— Nem eu também; e entretanto morro por te fa-
jar...

— Pois ri, quando assim nos vêmos!

— Tu és de poucas palavras...

— Não tenho culpa disso. Não sei o que hei de di-
zer...

— Nem eu também; e entretanto morro por te fa-
jar...

— Pois ri, quando assim nos vêmos!

— Tu és de poucas palavras...

— Não tenho culpa disso. Não sei o que hei de di-
zer...

— Nem eu também; e entretanto morro por te fa-
jar...

— Pois ri, quando assim nos vêmos!

— Tu és de poucas palavras...

— Não tenho culpa disso. Não sei o que hei de di-
zer...

— Nem eu também; e entretanto morro por te fa-
jar...

A BATALHA

A missão das Juventudes

António Inácio Martins foi um dos jovens que participou da Conferência dos Militantes Juvenis que últimamente o Porto realizou. De lá nos escreve referindo-se a essa reunião com um entusiasmo em tudo digno da sua idade e das suas convicções. Seu entusiasmo, porém, de tal modo o arrebatou que seu escrito pouco ou nada de concreto encerra. É todo ele, do princípio ao fim, um hino de esperança.

Seu escrito, não é por isso inútil. Fala-se nela do ressurgimento das Juventudes Sindicalistas. Realizar-se há esse ressurgimento ou melhor dizendo, esse rejuvenescimento? Damos por certo que sim.

A Conferência de Militantes que o Porto realizou é uma prova de que outra em breve se lhe sucede: a Conferência dos Militantes Juvenis em Lisboa; como foi uma prova e excelente prova, a que no Barreiro se realizou.

As Juventudes Sindicalistas nunca deixaram de existir. Só escasseando-lhe a energia que nela sempre sobrevive, só faltando-lhes o entusiasmo em que sempre vibrou, poderiam desaparecer.

Mas — é necessário confessá-lo — têm sido vítimas do ambiente que não lhes permitiu integrarem-se no objetivo que justifica a sua existência. Por um lado as perseguições policiais levadas por vezes até ao absurdo, por outro as contínuas greves em que ela se viu envolvida, pois que quase todos os que as compõem são sindicados e ainda porque o próprio ambiente impregnado de violência as arrastava.

As Juventudes Sindicalistas são núcleos de luta, são organismos de combate. O seu dever não é aceitar a luta, mas preparar os lutadores conscientes do futuro. E não se julgue que eles, realizando uma obra educadora, se secundarizam, passam a segundo plano, na questão social. Pelo contrário. Nenhum campo mais vasto existe para uma obra de cultura da que a classe operária.

Não há, nem pode haver, um movimento operário, sem a existência dum minoria consciente possuidora dum cultura à altura da sua missão. As revoluções ou os movimentos só têm garantias de êxito quando os impulsos uma forte consciência coletiva. Sem essa consciência coletiva os movimentos e as revoluções são quase improvírias; só perderam enquanto as anima a cólera que as originou. Finda ela não mais há um movimento, não mais existe uma revolução.

Acontece que a educação e a instrução em Portugal, só em estado de asseio existem. Tôdas as classes se ressentem de incultura, mormente os trabalhadores, nos quais todos eles ingressaram nas oficinas na idade em que deviam estar nas escolas.

A missão das Juventudes Sindicalistas consiste, pois, em aproveitar toda a mocidade das oficinas para lhe ministrar a cultura que ela necessita. Essa cultura podia-lhe ser dada por intermédio da ação que as Juventudes Sindicalistas, nesse centro desempenham. O rejuvenescimento das Juventudes deve ser a integração das dentro dos seus objectivos de cultura revolucionária.

Foi essa uma das preocupações da Conferência de Militantes Juvenis. E' essa a preocupação da Federação das Juventudes Sindicalistas. Se ela se converter em realidade, o movimento operário poderá vangloriar-se de possuir uma força de raciocínio igual à sua capacidade ofensiva; uma cultura que valorizará a sua energia. As Juventudes Sindicalistas são o futuro. Oxalá que elas possam prepará-lo, com as suas fortes convicções, as suas belas energias e o seu desejo inabalável dum a sociedade melhor.

CRISTIANO LIMA.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Empregados no Comércio de Vendas Novas

Comemorando o 19.º aniversário do Grupo dos Empregados no Comércio de Vendas Novas, realizaram a respectiva associação de classe diversas festas, entre as quais um bodo oferecido a 40 pobres e uma sessão solene, onde se fez representar a Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio (Zona Sul).

Usaram da palavra Manuel Maria de Sousa, pelo jornal *Luz e Vida*, órgão dos empregados no comércio do Porto; André Marques, pelo Monte-pio Vendas Novas; Adriano Pimenta, pelos corticeiros; José Capote, pelos rurais; Augusto José Afonso, pelo Sanatório dos Empregados, no Comércio; Manuel Rodrigues, pela Federação respectiva, e o representante da Misericórdia de Vendas Novas, tendo-se efectuado uma boa propaganda sindicalista.

Pela direcção foi servido um copo de guia, pronunciando-se nessa ocasião calorosas saudações à colectividade em festa.

NO PORTO

Estabelecendo divisões

Uma tentativa de scisão entre os electricistas para se fundar um sindicato de "amarelos"

PORTO, 11.—Afirmámos há tempos, não muito distantes, que o "socialista" Félix Pimenta tencionava, de acordo talvez com a patronal, scindir a secção profissional dos operários electricistas do Sindicato Único Metalúrgico, a fim de criar uma outra Associação vasada nos moldes desenhados a seu talante.

Dissemos que os intuios do tal Félix eram duvidosos; que os seus propósitos levavam "água no bico", que os seus manejos divisionistas provinhiam de "ententes" deliberadas no último Congresso Industrial de Electricidade Portuguesa.

Os factos vão consumando os nossos alertas então focados neste jornal.

Félix Pimenta já não desistiu de vibrar na sombra o punhal da traição. Tem-se desnodadamente esforçado por iludir os incertos, arrastando-os para um organismo desbordado de traidores.

E como não tem desistido da sua ronha scisionista, resolveu convocar para domingo preferido uma reunião de electricistas lidíndios, para nela ficar definitivamente estabelecida a Associação "amarela".

Para isso foi distribuído um respectivo convite, no qual, entre outros, se expunha os seguintes fins:

1.º — Leitura das actas das assembleias magnas de 25 de Abril e 14 de Setembro últimos, para os profissionais que não assistiram a essas assembleias tomarem conhecimento das resoluções tomadas;

2.º — Exposição verbal do andamento dos trabalhos da comissão organizadora da "Associação Portuguesa Electro-técnica", feita pelo delegado da classe que faz parte da referida comissão;

3.º — Discussão da conveniência de reorganizar a extinta "Associação de Classe dos Electricistas Profissionais do Porto-Luz e Fórmica", ou fundar uma nova associação como "sindicato livre", para melhor garantia da defesa dos interesses da classe e da Indústria Eléctrica.

6.º — Resolver a realização dum festa de confraternização profissional em comemoração do 15.º aniversário da fundação da Associação "Luz e Fórmica".

Um ataque traíçoeiro ao Sindicato Único Metalúrgico

Em nota, no fim do impresso, estão as seguintes frases: "Ér e fazer circular por todos os autênticos profissionais, é o dever de todos que recebem este convite."

Quem tiver olhos de ver, verá em tudo isto uma requintada má fé, um inofensivo propósito de traíçoeiro ataque ao Sindicato Único Metalúrgico.

Pelo 1.º número do convite, confirma-se, pois, que a existência do plano tendente a dividir a secção profissional eléctrica do S. U. M., já vem de longa, e nos n.ºs 2.º e 5.º nota-se logo claramente a embusteira criminosa, a tramóia jesuítica do referido Félix Pimenta. A flagrante contradição da

contra as prisões que sofreram vários trabalhadores, por supostos delitos, contra a ditadura espanhola e guerra de Marrocos.

A comissão de resistência ficou composta por Nicolau Mateus, Eliseu das Neves e Augusto Mingre.

Uma sessão em Sabugueiro

SABUGUEIRO, 12.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical, presidindo Manuel Joaquim Neves, Sindicato local, secretariado por Joaquim Bento e Valentim, do Sindicato de Siborro.

Usaram da palavra Joaquim José Canidre, Joaquim Bento, Manuel Joaquim Neves e outros camaradas, que fizeram larga propaganda das ideias emancipadoras, fazendo sentir a necessidade de todos os trabalhadores se filarem nos seus sindicatos profissionais, dando-lhes a vitalidade necessária para bem se desempenharem da sua missão.

A assemblea, porém, não pôde concluir os seus trabalhos: dissolviu-se, uma vez que foram descobertos os seus verdadeiros desígnios. O secretário geral do S. U. M. pretendeu lá naquela reunião as actas das assembleias da Associação "Luz e Fórmica" em que foi notada a adesão ao S. Único Metalúrgico e constituida a secção profissional eléctrica.

Mas como Pimenta está de má-fé, tratou de obstar essa leitura, para que luz se não fizesse. Daí a grande desinteligência troca de palavras e o esbandalhamento da reunião que o "organizador" do Sindicato Livre, patronal-operário, traidor, convocou.

Ele lá foi entristecido, mas temos na sua patifaria.

C. V. S.

contra as prisões que sofreram vários trabalhadores, por supostos delitos, contra a ditadura espanhola e guerra de Marrocos.

A comissão de resistência ficou composta por Nicolau Mateus, Eliseu das Neves e Augusto Mingre.

Uma sessão em Sabugueiro

SABUGUEIRO, 12.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical, presidindo Manuel Joaquim Neves, Sindicato local, secretariado por Joaquim Bento e Valentim, do Sindicato de Siborro.

Usaram da palavra Joaquim José Canidre, Joaquim Bento, Manuel Joaquim Neves e outros camaradas, que fizeram larga propaganda das ideias emancipadoras, fazendo sentir a necessidade de todos os trabalhadores se filarem nos seus sindicatos profissionais, dando-lhes a vitalidade necessária para bem se desempenharem da sua missão.

A assemblea, porém, não pôde concluir os seus trabalhos: dissolviu-se, uma vez que foram descobertos os seus verdadeiros desígnios. O secretário geral do S. U. M. pretendeu lá naquela reunião as actas das assembleias da Associação "Luz e Fórmica" em que foi notada a adesão ao S. Único Metalúrgico e constituida a secção profissional eléctrica.

Mas como Pimenta está de má-fé, tratou de obstar essa leitura, para que luz se não fizesse. Daí a grande desinteligência troca de palavras e o esbandalhamento da reunião que o "organizador" do Sindicato Livre, patronal-operário, traidor, convocou.

Ele lá foi entristecido, mas temos na sua patifaria.

C. V. S.

contra as prisões que sofreram vários trabalhadores, por supostos delitos, contra a ditadura espanhola e guerra de Marrocos.

A comissão de resistência ficou composta por Nicolau Mateus, Eliseu das Neves e Augusto Mingre.

Uma sessão em Sabugueiro

SABUGUEIRO, 12.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical, presidindo Manuel Joaquim Neves, Sindicato local, secretariado por Joaquim Bento e Valentim, do Sindicato de Siborro.

Usaram da palavra Joaquim José Canidre, Joaquim Bento, Manuel Joaquim Neves e outros camaradas, que fizeram larga propaganda das ideias emancipadoras, fazendo sentir a necessidade de todos os trabalhadores se filarem nos seus sindicatos profissionais, dando-lhes a vitalidade necessária para bem se desempenharem da sua missão.

A assemblea, porém, não pôde concluir os seus trabalhos: dissolviu-se, uma vez que foram descobertos os seus verdadeiros desígnios. O secretário geral do S. U. M. pretendeu lá naquela reunião as actas das assembleias da Associação "Luz e Fórmica" em que foi notada a adesão ao S. Único Metalúrgico e constituida a secção profissional eléctrica.

Mas como Pimenta está de má-fé, tratou de obstar essa leitura, para que luz se não fizesse. Daí a grande desinteligência troca de palavras e o esbandalhamento da reunião que o "organizador" do Sindicato Livre, patronal-operário, traidor, convocou.

Ele lá foi entristecido, mas temos na sua patifaria.

C. V. S.

contra as prisões que sofreram vários trabalhadores, por supostos delitos, contra a ditadura espanhola e guerra de Marrocos.

A comissão de resistência ficou composta por Nicolau Mateus, Eliseu das Neves e Augusto Mingre.

Uma sessão em Sabugueiro

SABUGUEIRO, 12.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical, presidindo Manuel Joaquim Neves, Sindicato local, secretariado por Joaquim Bento e Valentim, do Sindicato de Siborro.

Usaram da palavra Joaquim José Canidre, Joaquim Bento, Manuel Joaquim Neves e outros camaradas, que fizeram larga propaganda das ideias emancipadoras, fazendo sentir a necessidade de todos os trabalhadores se filarem nos seus sindicatos profissionais, dando-lhes a vitalidade necessária para bem se desempenharem da sua missão.

A assemblea, porém, não pôde concluir os seus trabalhos: dissolviu-se, uma vez que foram descobertos os seus verdadeiros desígnios. O secretário geral do S. U. M. pretendeu lá naquela reunião as actas das assembleias da Associação "Luz e Fórmica" em que foi notada a adesão ao S. Único Metalúrgico e constituida a secção profissional eléctrica.

Mas como Pimenta está de má-fé, tratou de obstar essa leitura, para que luz se não fizesse. Daí a grande desinteligência troca de palavras e o esbandalhamento da reunião que o "organizador" do Sindicato Livre, patronal-operário, traidor, convocou.

Ele lá foi entristecido, mas temos na sua patifaria.

C. V. S.

contra as prisões que sofreram vários trabalhadores, por supostos delitos, contra a ditadura espanhola e guerra de Marrocos.

A comissão de resistência ficou composta por Nicolau Mateus, Eliseu das Neves e Augusto Mingre.

Uma sessão em Sabugueiro

SABUGUEIRO, 12.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical, presidindo Manuel Joaquim Neves, Sindicato local, secretariado por Joaquim Bento e Valentim, do Sindicato de Siborro.

Usaram da palavra Joaquim José Canidre, Joaquim Bento, Manuel Joaquim Neves e outros camaradas, que fizeram larga propaganda das ideias emancipadoras, fazendo sentir a necessidade de todos os trabalhadores se filarem nos seus sindicatos profissionais, dando-lhes a vitalidade necessária para bem se desempenharem da sua missão.

A assemblea, porém, não pôde concluir os seus trabalhos: dissolviu-se, uma vez que foram descobertos os seus verdadeiros desígnios. O secretário geral do S. U. M. pretendeu lá naquela reunião as actas das assembleias da Associação "Luz e Fórmica" em que foi notada a adesão ao S. Único Metalúrgico e constituida a secção profissional eléctrica.

Mas como Pimenta está de má-fé, tratou de obstar essa leitura, para que luz se não fizesse. Daí a grande desinteligência troca de palavras e o esbandalhamento da reunião que o "organizador" do Sindicato Livre, patronal-operário, traidor, convocou.

Ele lá foi entristecido, mas temos na sua patifaria.

C. V. S.

contra as prisões que sofreram vários trabalhadores, por supostos delitos, contra a ditadura espanhola e guerra de Marrocos.

A comissão de resistência ficou composta por Nicolau Mateus, Eliseu das Neves e Augusto Mingre.

Uma sessão em Sabugueiro

SABUGUEIRO, 12.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical, presidindo Manuel Joaquim Neves, Sindicato local, secretariado por Joaquim Bento e Valentim, do Sindicato de Siborro.

Usaram da palavra Joaquim José Canidre, Joaquim Bento, Manuel Joaquim Neves e outros camaradas, que fizeram larga propaganda das ideias emancipadoras, fazendo sentir a necessidade de todos os trabalhadores se filarem nos seus sindicatos profissionais, dando-lhes a vitalidade necessária para bem se desempenharem da sua missão.

A assemblea, porém, não pôde concluir os seus trabalhos: dissolviu-se, uma vez que foram descobertos os seus verdadeiros desígnios. O secretário geral do S. U. M. pretendeu lá naquela reunião as actas das assembleias da Associação "Luz e Fórmica" em que foi notada a adesão ao S. Único Metalúrgico e constituida a secção profissional eléctrica.

Mas como Pimenta está de má-fé, tratou de obstar essa leitura, para que luz se não fizesse. Daí a grande desinteligência troca de palavras e o esbandalhamento da reunião que o "organizador" do Sindicato Livre, patronal-operário, traidor, convocou.

Ele lá foi entristecido, mas temos na sua patifaria.

C. V. S.

contra as prisões que sofreram vários trabalhadores, por supostos delitos, contra a ditadura espanhola e guerra de Marrocos.

A comissão de resistência ficou composta por Nicolau Mateus, Eliseu das Neves e Augusto Mingre.